LISBOA — QUINTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 1 — 10 CENTAVOS
Telefone 5213 (C.) — Endereço telegrafico DIBOA

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção e Administração
RUA DO CARMO, 90, 2.º
Composição: R. do Mundo, 57. Impressão: R. da Atalaia, 114

SOLDADOS DE PORTUGAL!

Contra os que afirmam que a historia é um campo razo de ossadas e ruinas e contra os que sustentam que a vida não comporta uma larga aspiração de imortalidade — eis que entram em Portugal dois extraordinarios viajantes, um vindo da morte na Flandres, outro da morte na Africa e trazendo ambos na boca gelida e gasta todo o segredo da existencia dum povo.

Portugal teve castelos, pendões, couraças, espadas, implacaveis como o Destino.

Venceu castelhanos e mouros. Arou o campo para ter pão e ergueu a cruz para subir a Deus. De tanta força e de tanta piedade nasceu uma patria em que os corações nunca se cançam de amar a vida para fazer a morte bela.

A guerra, diz-se, é uma invenção brutal que o odio concebeu, nas entranhas de um monstro.

Infelizmente, até hoje só as raças fortes e duras souberam fazer dela um instrumento de civilização. E' por isso que, de largo em largo, os povos repetem o drama de Christo.

* * *

Nun'Alvares fez-se carmelita para terminar santamente a sua vida. Na sua cela de frade, altas horas da noite, os sonhos da juventude vinham fragosos e épicos acordal-o. Ele sorria, lembrando-se do que fôra, e chorava pensando no que era.

* * *

As batalhas custam muito a vencer, porque a vitoria só vem, quando o soldado, saindo da vulgar noção do seu esforço, faz seu o pensamento divino que governa a historia.

* * *

Nunca, entre nós, se viu um espectaculo tão assombroso — seis milhões de almas, rompendo a sua espessa teia de unidades diarias, para se acercarem daqueles que em vida nada tinham e nada significavam e agora tudo têm e todo significam.

* * *

Os desconhecidos que teem dado a sua vida pela Patria são inumeros: todos os monumentos e paisagens de Portugal falam d'eles. Em todas as almas lusiadas eles vivem em ritmo e paixão.

* * *

Afonso Henriques foi conquistando Portugal com a espada e com o pensamento. Aquela cessou a sua rutila faina de epopeia quando o seu corpo baqueou; este ainda não terminou a sua marcha, tendo já dado algumas voltas ao orbe.

* * *

Os portuguezes tiveram sempre o respeito e a admiração do mar, porque percebiam que ele era a sua rota de maravilhas. Atravessando-o em todas as direções, romperam segredos e trevas. Mas só o misterio da sua alma os encantou:

* * *

Durante as longas, penosas viagens da Descoberta, os marinheiros contavam historias de amores, recordando as suas lindas namoradas. Conseguiam assim o milagre permanente, porque tinham Portugal sempre deante dos olhos.

"DIARIO DE LISBOA"

O «Diario de Lisboa», portanto, será um jornal moderado para todos os que na pressa de avançar para o porvir tomam como estrela os vagos fulgores duma utopia. A muitos, porem, parecerá revolucionario, porque, no seu incansavel afan de sacrificar todos os interesses mesquinhos e erros criminosos ás supremas aspirações da nacionalidade, algumas vezes, para falar a pura verdade, terá de ser violento, duro mesmo.

A nossa situação actual, cheia de perigos e dificuldades, tantos problemas a estudar e tantas ameaças a remover, demanda uma politica de realizações, capaz de nos desafogar da atmosfera espessa de cuidados em que vivemos.

Há muitos anos que o Estado anda fóra da sua missão, convertido em valhacouto de intriguistas e ambiciosos. Os problemas nacionais não acham uma resolução ou pelo menos uma maneira pratica que os torne acessiveis ás atenções dos competentes.

Este jornal que hoje inicia a sua publicação, sob os auspicios dum acontecimento nacional — a homenagem aos soldados desconhecidos, escolheu esta data para mais vivamente fixar a sua intenção de dar ao nome português toda a paixão da sua alma crente nos destinos da raça.

Não traz consigo o «Diario de Lisboa» outro programa senão este — erguer Portugal acima das miserias e fraquezas dos homens, afim de que ele seja para todos nós o maior facto do nosso esforço e do nosso espirito. Aparecendo num periodo em que a Europa e com ela o mundo tratam de atingir as formulas perfeitas da justiça, em função da civilisação, o «Diario de Lisboa» procurará sempre defender e indicar quais as ideias e as razões morais que mais pronta e intimamente hão de concorrer, para que se reconstruam as sociedades que indisciplinadamente jogam o seu porvir em tão desvairadas aventuras.

O nosso país que jamais deixou de inspirar-se nas largas correntes que renovam os povos, havendo mesmo prestado assinalados serviços á cultura humana geral, sente actualmente as mesmas duvidas, incertezas e amarguras que, um pouco por toda a parte, o desespero transforma em revolta.

Mas assim como noutras idades descobriu em si a coragem bastante para resolver em fé, mocidade e progresso as torturas que o oprimiam, tambem agora Portugal, obra de sacrificio e de entusiasmo epico, conseguirá sobrepôr-se a todas as defecções pessimistas, para justificar a sua existencia de seculos com a plenitude do seu ressurgimento.

A ignorancia, entre nós, é assaz atrevida e empreendedora. A manha governa, ao passo que a ciencia se limita a reflexões lentas, abstratas, imponderaveis.

E no entanto, nunca como hoje Portugal careceu tanto duma cultura que para as «elites» seja um motivo de predominio e para o povo uma certeza de poder.

A retorica tem sido o nosso unico tesouro e ao mesmo tempo o maior factor de ruina. E' a ela que se deve o triste espectaculo que oferece o nosso paiz, vivendo num constante estonteamento de metaforas e miragens que lhe anunciam a felicidade, quando esta mais longe se esconde. As suas mentiras dão-nos tudo — imperio, orgulho, dinheiro, a India, o Brasil, o Mar, «Os Lusiadas», os brilhantes de Golconda. A gente credula delira, estende as mãos para abraçar a propria Ventura, caida no meio de cubiças vorazes.

Que se vê, porém?

As esperanças desfazem-se, os apetites exasperan-se, as paixões vomitam odio, as crenças definham. Sempre ao Povo se deve a Verdade. Não ó enganem, não o alucinem não o explorem.

Eduquem-no, mas não o perventam.

Encaminhem-no, mas não o desorientem. Portugal é uma realidade bastante vasta para conter os sonhos de todos os seus filhos.

Façamos da sua historia, tão rica de espirito latino e cristão, um culto, porque assim seremos fortificados com a presença espiritual das gerações de oito seculos. O futuro só é ummi sterio ou uma surpresa, quando nós o não sabemos interrogar. A experiencia dos nossos avós é para nós um augurio infalivel.

Aproveitemo-la, pois, enriqueçamos com ela o nosso capital de previsões. Quanto mais intima fôr a nossa aliança com o passado, tanto mais seguros estaremos do porvir.

Os dois obscuros herois que hoje atravessaram a cidade que neles reconheceu a sua dôr e a sua gloria, morreram num sublime ato de fé. Ficaram grandes, porque na sua rudesa de serranos perceberam que Portugal existe ha tanto tempo pelas suas nobres virtudes que faz imortais os que nele creem e por ele se sacrificaram.

Quando os guerreiros partiam, as suas noivas seguiam-nos com os olhos e ainda mais longe com o coração. Nas batalhas distribuiam-se duros golpes, rudes estocadas. Os bravos, porém, nunca caíam, porque um brando desejo de amor os tornava invenciveis.

* * *

Os homens da Descoberta tinham olhos de profetas. Viam mundos e ilhas, atravez do misterio. Quando desembarcavam em terras novas, imaginavam que as criara a sua fé. Quem poderia desenganá-l[illegible]

* * *

Muitas vezes os poetas sucumbiram pelejando como soldados. Cantar e pelejar — eis a vida despojada de toda a sua miseria.

* * *

Na Batalha, dormem o seu sono divino, imperturbavel, os reis e infantes de Avis. Não dansam espectros, em torno dos seus tumulos. O remo[illegible] não lhes perturba o repouso. Os an[illegible]am sobre eles como o sol pela face pura de um lago. Sente-se que com eles a raça medita, enchendo o silencio, que é a fala das coisas, com as estancias de Aljubarrota.

* * *

Em Aljubarrota, a mocidade de Portugal ria e cantava, no meio dos combates. Terminada a grande batalha cada um se julgou capaz do maior esforço.

Era a India a abrir promessa nos peitos insaciados.

Aquilino Ribeiro, romancista brilhantissimo, que de ha muito conquistou um lugar de primasia nas letras portuguesas, inicia hoje nas colunas do *Diario de Lisboa* a publicação de

"O ESCONJURO"

interessantissima novela regional que deve registar um inegualavel exito.

"O Esconjuro"

modelo de prosa scintilante cheia de colorido e de vigor, encerra inumeros quadros em que um invulgar espirito de observação se faz sentir.

Publicando em folhetins o belo trabalho do consagrado autor das *Terras do demo* o *Diario de Lisboa* oferece aos seus leitores o ensejo de se deliciarem com a leitura duma verdadeira preciosidade literaria.

A COMEMORAÇÃO DE HOJE

A trasladação dos restos mortais dos soldados desconhecidos para o Congresso da Republica

Lisboa acordou hoje mais cedo e vestiu-se toda de novo para assistir á trasladação que do Arsenal se efectuou para o Congresso da Republica, dos restos mortais dos dois herois anonimos qne em Africa e na Flandres tombaram sob a bandeira de Portugal. Gente humilde do povo, aquela que sentiu mais duramente a guerra, assistiu piedosamente á passagem do cortejo funebre, guardando o silencio religioso das grandes solenidades.

Antes da hora marcada começaram chegando ao Arsenal as representações de oficiais da marinha, da guarda e das varias unidades do exercito, estabelecendo a policia um grande cordão de vigilancia em torno da Praça do Municipio. Pouco depois das dez horas organizava-se o cortejo, que subiu a rua do Ouro em direcção á Avenida da Liberdade, contornando a rua Alexandre Herculano e descendo a rua de S. Bento até ao largo das Cortes.

Abria o cortejo um contingente de lanceiros, sendo essencialmente militar o acompanhamento que conduziu as duas urnas ao Congresso da Republica. A cerimonia foi simples mas de enternecida sinceridade patriotica. Durante o percurso apinharam-se as janelas e as ruas de uma comovida multidão, que seguia com interesse a passagem do cortejo.

As duas urnas tinham sido colocadas em dois armões de artilharia e seguiam a meio do cortejo, com as devidas honras militares. Passaram depois em carretas as corôas, os ramos de flores, as palmas e todas as pequeninas e enternecidas homenagens de saudade que a nação reservou para o culto dos soldados desconhecidos.

As bandas de musica entoavam marchas funebres. O povo descobria-se respeitosamente á passagem das urnas. E[illegible] cidade inteira, unida pelo mesmo sentimento de comovido respeito, assistia de prece nos labios á trasladação dos dois filhos de Portugal, que a Patria ofereceu em holocausto ao sentimento de Liberdade que nos corre no sangue.

No edificio do Congresso

Chegámos ás 10,30. O povo amassa-se em frente do Congresso, a custo contido pela policia, que, rigorosamente, defendia a passagem ao jornalista esquecido, que se esquecera do seu cartão-talisman, passado por misteriosos funcionarios do govêrno civil. Adeante.

Em frente do Congre[illegible] costas viradas ao largo, alinham-se [illegible]deiras de todos os regimentos do país. Pouco depois chegam os estandartes italianos: o da marinha, novo, de côres vivas; o do exercito, destingido, rasgado, metralhado.

O portão grande do palacio do Congresso está aberto. Uma passadeira vermelha, calcada e enrugada, abre caminho, até ao vestibulo do edificio.

O sr. Presidente da Republica aguarda junto do elevador, conversando com o sr. Bernardino Machado, que diplomaticamente sorri ao arcebispo de Evora, que tambem está no grupo, precedido do seu aulico. O sr. cardeal patriarca, de veste vermelha, roçagante, esplendida, conversa por seu turno com um oficial superior, que o escuta atentamente. O resto, um pouco confusamente, num *pêle-mêle*, são deputados, senadores, militares graduados, individualidades que todos conhecem. O sr. Antonio Mantas anda numa roda viva; o sr. Melo Barreto dá indicações aos jornalistas e aponta:—Barão de Ravignet, encarregado dos negocios de França, missões estrangeiras, etc., etc. O bispo de Beja, rodeado de considerações e constelado de medalhas, vai falando democraticamente com todos.

Passemos adiante. O vestibulo está curiosamente ornamentado. Ao fundo, ao pé das duas arcadas que dão acesso ao publico á sala das sessões, erguem-se os catafalcos, onde hão-de repousar, dois dias, os mortos sagrados.

As arcadas desapareceram, sob uma cortina de verdura. Ao alto, em emblema, a Torre e Espada; um pouco mais abaixo, o busto da Republica patinado a ouro, depois, em bronze a estatua da fama, trombeteando. De cada lado da estatua, um socalco guarnecido de verdura, tem ao meio a cruz de guerra!

No vestibulo ergue-se uma divisoria doirada, onde as escapulas indicam aos que vieram de romagem ser aquele o local onde se devem pendurar as corôas.

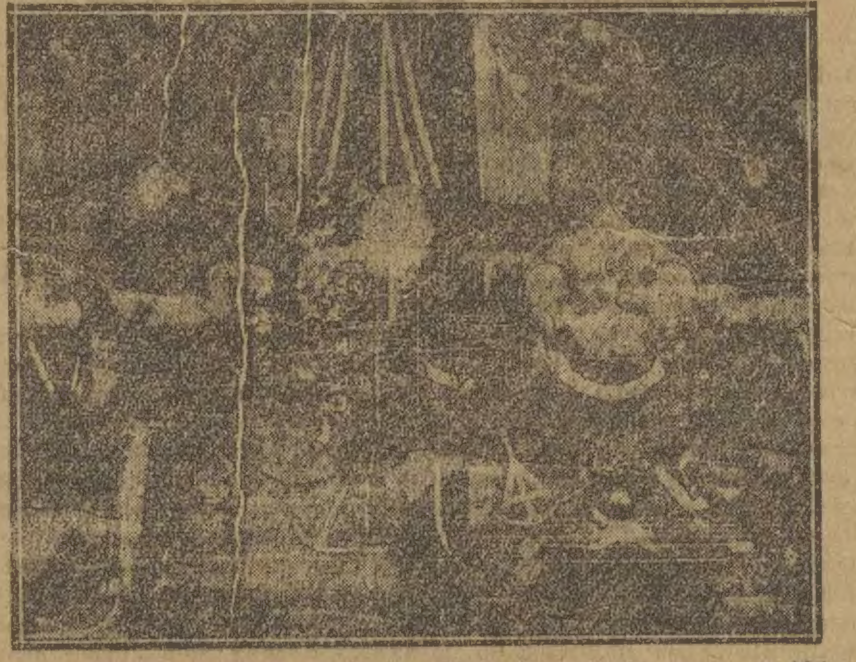
Nas paredes, trofeus, insignias varias, todas as condecorações. A um canto, uma armadura completa da idade media; a outro, uma helice de aeroplano. Há corôas: dos ministros de França, Brasil e Espanha.

Por toda a parte muita verdura, palmas, festões e armas ensarilhadas.

Um toque de corneta, outro, e tudo corre para os portões do Congresso. De passagem preguntámos: o sr. Presidente da Republica?

—Está lá em cima, com o sr. Cardeal Patriarca, descançando.

Os toques de corneta cessaram; agora é a «Portuguesa», vibrante, entoada, em estridencias de entusiasmo, que nos fere os ouvidos. São as bandeiras de todos os contingentes que combateram em França, que chegam. São 50, muitas condecoradas. Conduzem-nas, oficiais, que combateram em França, ladeados por soldados, que combateram tambem. Trazem o «casque» da trincheira, aquele capacete que imortalizou o serrano e seu irmão, «poilu». Infantaria 1, perpassa; faz a guarda de honra. A «Portuguesa» já não se ouve, as bandeiras alinham-se em semi-circulo, tendo ao centro os dois estandartes italianos. Meia hora passa, três quartos decorrem. O vestibulo do Congresso está repleto, a passadeira um pouco mais suja. O calor aperta e o sr. Eduardo de Sousa destila suor por todos os póros visiveis. Ouvem-se outra vez toques de continencia: é o cortejo que chega. O sr. Presidente da Republica, ao centro do vestibulo espera, tendo á sua esquerda e um pouco mais longe o sr. Cardeal Patriarca.



A urna contendo os restos mortais do soldado desconhecido morto em Africa

O padrão oferecido pela marinha de guerra — *A janela manuelina, oferta do director e pessoal do Arsenal*

No Largo das Côrtes as tropas desfilam. Chegam primeiro os esquadrões de lanceiros, depois em duas carretas da guarda republicana as urnas que conteem os restos mortais dos dois soldados desconhecidos.

Neste momento entra a Camara Municipal com o seu estandarte; depois soldados inglêses, belgas, francêses e italianos, que fazem continencia ao Presidente da Republica e se alinham á sua direita.

Cá fora, os toques sucedem-se. Os estandartes de todos os regimentos de Portugal, inclinam-se, espadas rebrilham. Então, a primeira urna, a do soldado que morreu em França, entra conduzida pelos presidentes das duas casas do parlamento e seus secretarios; depois vem a outra, a do soldado que morreu em Africa, conduzida pelos srs. Rego Chaves, Victorino Guimarães, Herculano Galhardo e Enes Meira.

O sr. Presidente da Republica segue as urnas, acompanhado do sr. cardeal patriarca e presidente do ministerio. Atraz o ministerio, oficiais, mundo politico e as missões estrangeiras.

As urnas são depostas nos catafalcos e logo dois soldados da guarda republicana se alinham, ladeando-as.

Há um compasso de espera; o sr. Bernardino Machado segreda qualquer coisa ao sr. Antonio José de Almeida. Uma noticia corre: O Cardeal Patriarca vai falar.

"A amnistia será a corôa maxima a oferecer aos soldados desconhecidos", afirma o sr. Cardeal Patriarca

Na sala da presidencia da Camara dos Deputados encontram-se o chefe do Estado, o governo, os presidentes do Congresso e da Camara dos Deputados, varios parlamentares, varios oficiais e tambem a delegação de Italia.

Então o sr. Cardeal Patriarca toma a palavra, salientando a homenagem que se acaba de prestar aos dois soldados desconhecidos, simbolos do heroismo do exercito e da marinha portuguesa, A patria reconhecida—diz—presta aos dois mortos o sentimento do seu respeito, do seu amor e da sua saudade. São muito estas homenagens, mas não é tudo.

Jazem sepultados nos carceres muitos daqueles que prestaram relevantes serviços á Patria no passado e até mesmo nesta guerra. Em nome dos prelados presentes e ausentes, das associações scientificas, comerciais e industriais, e, até mesmo, creio bem, da maioria do país, vinha perante o chefe do Estado, do presidente do Congresso e do governo, impetrar a generosidade para os vencidos. Só assim as homenagens que estão prestando poderão ter o significado que deverão ter.

Terminou, dizendo que a amnistia seria a corôa maxima a oferecer aos mortos sagrados.

(Ver continuação em ultimas noticias)

Os turnos de ámanhã

7.º turno, das 1 horaás 2,30, parlamentares do distrito de Cabo Verde, estado maior do Exercito, 7.º grupo; coronel-medico Abilio Baeta das Neves Barreto, tenente-coronel do C. E. U. Arnaldo de Melo. tenente-coronel veterinario Francisco Martinho Mota de Almeida, tenente-coronel do S. A. M. Francisco Augusto H. S. Achemann, Artur Marques Salgado.

8.º turno, das 2,30 ás 4 horas, parlamentares do distrito de Castejo Branco, estado maior do Exercito, 8.º grupo; major de infantaria José Cabral Caldeira do Amaral, major-medico Manuel Gonçalves de Carvalho, capitão de Artilharia Artur Gonçalves Rocha, capitão de Artilharia Vicente Roberto Garcia de Carvalho.

9.º turno, das 4 ás 5,30 horas, parlamentares do distrito de Coimbra, estado maior do Exercito, 9.º grupo: capitão-medico José Francisco Cesar Junior, capitão do Secr. Militar Joaquim Quintino Borges, tenente de infantaria Alfredo Abel da Costa, tenente de S. A. M. Alfredo da Cruz Nordeste, tenente do S. A. M. Pedro Antonio Vieira.

10.º turno, das 5,30 ás 7 horas, parlamentares do distrito de Evora, Quartel General da 1.ª Divisão, 1.º grupo; comandante da Divisão, coronel Vitoriano José Ces[illegible], chefe do E. M. tenente-coronel Eduardo Augusto Azambuja Martins, alferes-ajudante Antonio Narciso Miguel Liborio, alferes de infantaria Carlos Ribeiro Leão.

11.º turno, das 7 ás 8,30 horas, parlamentares do distrito de Faro, Quartel General da 1.ª Divisão, 2.º grupo; (regimento de sapadores mineiros), tenentes milicianos Carlos Ferreira Sampaio e Antonio Guimarães Gonçalves; alferes Pedro G. da Cruz Fajardo e Leonardo Mendes Fialho Prégo, Associacão Academica do liceu de Camões e Sociedade de I. M. P. do liceu de Camões.

12.º turno, das 8.30 ás 10 horas, parlamentares do distrito do Funchal. Quartel General da 1.ª Divisão, 3.º grupo (batalhão de Sapadores de C. de Ferro), tenentes Eduardo Batista e Frederico Vilar, alferes Francisco Salgueiro e Neto de Almeida, Sociedade Surdos-mudos de Portugal.

13.º turno, das 10 horas ás 11.30, parlamentares do distrito da Guarda. Quartel General da 1.ª Divisão, 4.º grupo (batalhão de Telegrafistas de Campanha), tenentes Manuel Bairrão Bastos de Carvalho e Calixto Anibal, alferes Tavares da Cunha e José Carlos da Silva, Associação de Classe «Vendedores de Produtos Agricolas» e Nucleo de Instrução Renascença.

14.º turno, das 11.30 ás 13 horas, parlamentares da provincia da Guiné. Quartel General da 1.ª Divisão, 5.º grupo (grupo de artilharia a cavalo), capitão Antonio Marques, alferes Raul Narciso da Costa Guimarães, Horacio Madureira dos Santos e Antonio Rodrigues Amorim, Classe dos Escrivães de Direito e Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha.

15.º turno, das 13 ás 14.30 horas, parlamentares do distrito da Horta. Quartel General da 1.ª Divisão. 6.º grupo (regimento de cavalaria 2), major Abilio de Sousa Namorado, capitão João Pinto de Almeida Ribeiro, tenente Joaquim Antonio Bernardino, alferes Camilo Augusto da Silva, Jnnta Geral do Distrito de Lisboa, Gomes de Carvalho, 1.º oficial da J. G. do Distrito de Lisboa.

16.º turno, das 14,30 ás 16 horas, parlamentares da India, Quartel General da 1.ª Divisão, 1.º grupo (1.º grupo de metralhadoras), capitão Joaquim Aureliano Soares da Silva, tenente Alberto Correia Duarte, alferes Francisco Pereira de [illegible]ueiredo e Artur Antonio Conceição, Cru[illegible] das Mulheres Portuguezas.

17.º turno, das 16 horas ás 17,30, parlamentares do distrito de Leiria, Quartel General da 1.ª Divisão, 8.º grupo (regimento de infantaria 1), major Jacome Maria Dora do Vale, capitão Manuel Fernandes Costa, tenente Manuel Joaquim Caldas, alferes Frederico Chedas, Casa Pia de Lisboa, E. P. S., D. Antonio da Costa.

18.º turno, das 17,30 ás 19 horas, parlamentares do distrito de Lisboa, Quartel General da 1.ª Divisão, 9.º grupo, Deposito A da guarnição de Lisboa, capitães Alberto João Carapeto e Antonio da Costa Lima, alferes Frederico Coelho de Melo e José Gonçalves, Asilo de S. João, de Lisboa.

19.º turno, das 19 horas ás 20,30, parlamentares de Macau, Quartel General da 1.ª Divisão, 1.º grupo (1.º grupo do C. A. Militar), tenentes José de Sales Ferreira e Henrique Rocha, alferes Manuel da Silva Mendes e Tancredo Henrique das Neves, grupo revolucionario *Companheiros do Bem*, Sociedade Escolar *Paz*.

PERFUMES
CRENOVILLE

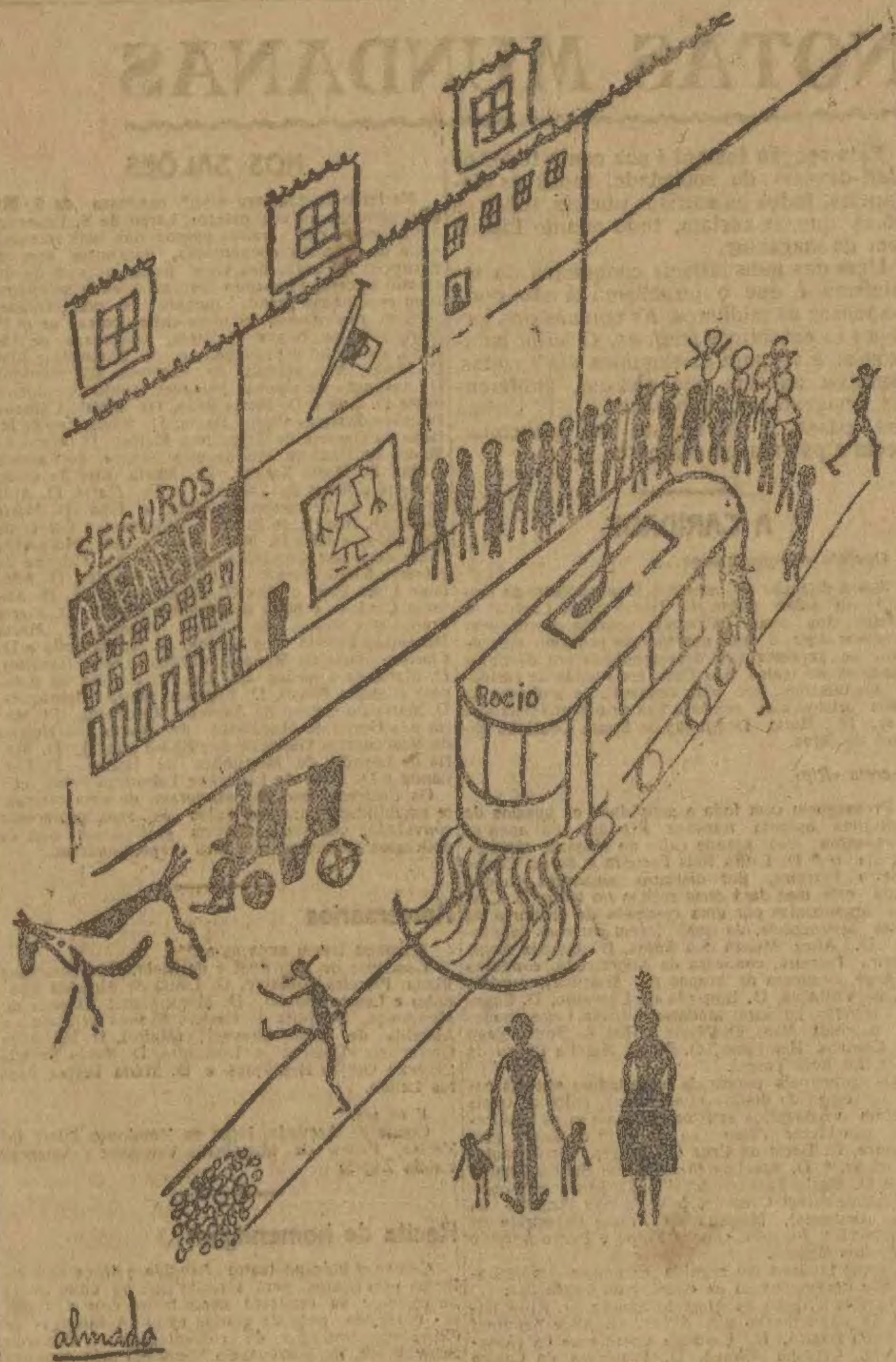
PAPELARIA PALHARES
141, RUA DO OURO, 143
Completo fornecimento de artigos para escritorio, engenharia e desenho.
Canetas com tinta das melhores marcas.
Trabalhos tipograficos em todos os generos.
TELEFONE 842—LISBOA

RUA DO OIRO

'ua do Oiro, rua dos metais!
Mazantini de luz, o Sol, ao alto...
Bailes russos deslisam no asfalto...
Cantam em côro os vidros e os cristais!

Os teus passeios, como eu sei cantá-los,
São largos taboleiros de xadrez,
Onde os pés das mulheres, muita vez
São reis, rainhas, torres e cavalos...

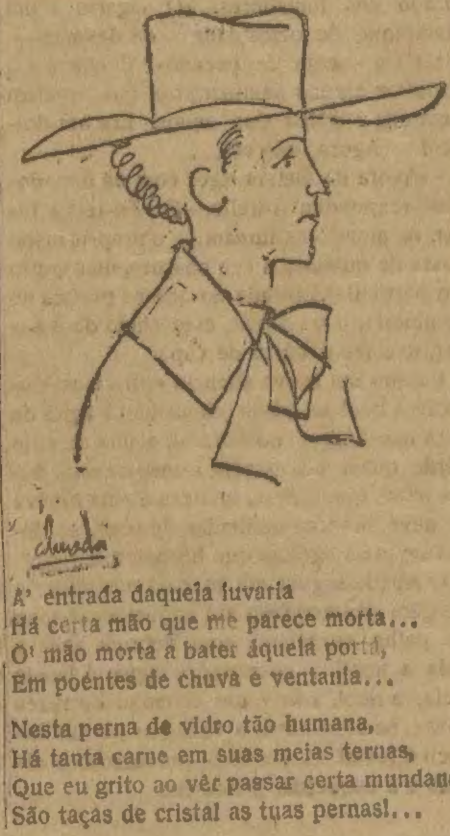
Nas montras dos livreiros, os poetas,
Com seus labios, nos livros, entreabertos,
Dizem sonetos graves, muito certos,
Na sua voz sinistra de profetas...



H endas, pela tarde, como espumas,
Os chapeus, nas vitrines, são cabeças
Degoladas... O' frivolas condessas,
Vós não tendes miolos, tendes plumas...

Parques nas sêdas!... Há jardins nas chitas...

Enforcam-se nas hastes de metal
As éticas gravatas... Em caudal,
O sangue corre aos metros, pelas fitas...



A' entrada daquela luvaria
Há certa mão que me parece morta...
O' mão morta a bater áquela porta,
Em poentes de chuva e ventania...

Nesta perna de vidro tão humana,
Há tanta carne em suas meias ternas,
Que eu grito ao vêr passar certa mundana:
São taças de cristal as tuas pernas!...

Sorriem pó de arroz os perfumistas...
Numa loja, acolá, vejo em tropel,
Rolos de telas, blocos de papel:
Roupa branca da alma dos artistas...

Nos ignobeis balcões dos camiseiros
Há bacanais de meias e espartilhos...
As bonecas de cera, nos barbeiros,
Dão á luz cabeleiras, como filhos...

Nos alfaiates jazem manequins,
Ossadas, afinal, dos nossos fatos..
Pelas confeitarias, os pudins,
Desfalecem, anémicos, nos pratos...

Nas taboletas brancas—cemiterios
As letras negras, altas, muito esguias,
São ciprestes, são sombras, são misterios,
Almas dum outro-mundo em noites frias...

Orgãos de Barbaria desarmónicos,
Estes carros electricos tão belos...
Ruidosos, barulhentos, filarmonicos,
Passam na Tarde em risos amarelos...

Rua do Oiro—palco da cidade.
Há bastidores em todas as esquinas...
Bébés, balões, senhoras e varinas,
Militares, cocotes, alvalade...

Os meus olhos—as hastes da tesoura
Recortando as imagens d'Epinal,
Pelos passeios desta rua fóra...
Rua do Oiro—humano Carnaval!...

Antonio Ferro

Desenhos de Almada Negreiros

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Chá quer dizer—palestra. E' sestro do homem—e da mulher—que beba quando fale ou fale quando beba. A locução *molhar a palavra* é uma verdade eterna...

Todos os ditosos liquidos do epicurismo humano teem o extranho e paradoxal condão de provocar a sêde—de justiça. Eles são os grandes estimulantes da eloquencia humana. Bebe-se, fala-se. Fala-se, bebe-se.

Não é só o vinho que merece o ferrete de falador.

O vinho é o grande revolucionario, o agitador das alfurjas, o revolucionario das almas e, ás vezes, dos estomagos. O café é um liquido politico, por excelencia. E' filiado e livre-pensador.

Por isso o vinho é rubro, o rubro das revoltas; e o café é negro, o negro da negra politica.

O chá...

O chá é a palavra discreta. E' amarelo como uma *gueisha*, é oriental e até, pode-se afirmá-lo, obliquo...

O chá provoca a palavra em voz baixa; o comentario ligeiro, a má-lingua—com açucar...

E' o sorriso,—se bem que um sorriso amarelo.

Portugal, sem deixar de cultivar a revolta e a politica, está cultivando tambem imensamente o chá, que é como quem diz, a eloquencia discreta do «five-o-clock-tea».

E descancem os gostadores de chá que possam vêr no uso d'esta moda ingleza um conflito com as suas ideias nacionalistas.

O «five-o-clock-tea» póde ser, francamente, chá das 5.

Conta D. Luiz da Cunha, embaixador de Portugal junto da côrte ingleza, que foi D. Catarina de Bragança, a filha que D. João IV deu a Carlos II, a introdutora dessa instituição em Inglaterra. Foi uma portugueza, amante de chá, que a tomar chá morreu, a inventora do chá elegante, o chá-tertulia, o chá pontual—britanicamente pontual. Portugal já tomava chá ha alguns seculos. Tomou-o—em pequenino.

O chá das cinco, que, em Portugal, raro é ás cinco, não é um «Ceylan's-tea» antentico; é um pretexto.

Póde-se mesmo fazer «five-o-clock-tea» sem tomar chá—simplesmente dando-os...

E será esse talvez o nosso chá.

Affonso de Braganga

Reuniões para hoje

Partido Republicano Liberal, ás 21; Faculdade de Sciencias, ás 21,30; Associação do Registo Civil, ás 21.

NOTAS MUNDANAS

Esta secção tomará á sua conta todos os «fait-devers» da sociedade, todas as elegancias, todos os sorrisos oficiais, todas as flôres que se cortam, tudo quanto Lisboa tem de magazine.

Uma das indiscutiveis conquistas do feminismo é que o jornalismo já não pode dispensar as mulheres. As colunas dos jornais são autenticos *trottoirs*. O leitor habituou-se a vir para as esquinas das gazetas, espreitar aquelas que passam, indiferentes, magestosas, soberanas... E' Lisboa que passa... A revista vai principiar. Teem a palavra os compères...

A CARIDADE

Opereta «Ninguem diga...»

Sob a direcção do maestro Mantua teem-se realizado no salão nobre do Teatro de S. Carlos os ensaios dos coros da nova opereta portugueza *Ninguem diga...* que nos fins do proximo mês de maio se representará desempenhada por distintos amadores no teatro São Luís, em recitas de caridade organisadas por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, sendo a sua principal iniciadora a sr. D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Ribeiro da Silva.

Opereta «Rip»

Prosseguem com toda a actividade os onsaios da lindissima opereta franceza *Rip* que há anos se representou com grande exito na elegante residencia da sr.ª D. Laura Reis Ferreira e do sr. Carlos Ribeiro Ferreira, por distintos amadores, o que ainda este mez dará duas recitas no teatro S. Carlos, organizadas por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, da qual fazem parte as seguintes: D. Alice Munró dos Anjos, D. Beatriz Anjos Ribeiro Ferreira, condessa de Alfarrarede, condessa de Arge, coudessa de Arnoso (D. Maltiide), condessa de Vill'Alva, D. Eduarda de Carvalho, D. Eugenia Ribeiro Ferreira: madame Correia Leite, madame Schmidt Rau, D. Maria Izabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria Natalia Diogo da Silva dos Reis Torgal.

Os principais papeis da encantadora opereta estão a cargo de distintos amadores, entre os quais figuram verdadeiros artistas, pois assim os poderemos considerar como são as sr.as D. Laura Reis Ferreira, D. Berta da Cruz Guimarães. As restantes são as sr.as D. Arcelina Moreira dos Santos Medeires e D. Maria Tereza Carvalho da Silva, e os srs. Guilherme Street Canpers, João Afonso Pinheiro de Melo (Pindela), Joaquim de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, Joaquim Gomes Filipe e Pedro Antonio de Freitas Branco.

Damos tambem em seguida os nomes das senhoras que desempenham os «Genios da Tentação»:

D. Alda Trigoso de Almeido Santos, D. Alice Girard, D. Alice Jardim dos Anjos, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Carolina Correia de Sá (Asseca), D. Cristina Girard, D. Francisca de Castro (Novo Gôa), D. Isabel Pinheiro de Melo (Arnoso), D. Luiza de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Madalena de Morais Amado, D. Maria Amelia da Castro, D. Maria do Carmo de Melo Sá Vilar, D. Maria da Conceição Tedeschi Placido, D. Maria da Graça Jardim (Valenças), D. Maria Guilhermina Anjos, D. Maria Jestuina Anjos, D. Maria Padilla, D. Tereza de Albuquerque (Mangualde), D. Tereza Burnay de Verda (Mairos), D. Tereza Gil de Borja e Meneses.

No proximo numero daremos os nomes das senhoras que tomam parte nos córos.

NOS SALÕES

Na tarde de domingo a sr.ª condessa de S. Miguel ofereceu no seu palacio Largo de S. Lourenço um finissimo chá a varias pessoas das suas relações. Alem de animada conversação, dançou-se sem interrupção até perto das vinte horas, ao som de um eximio terceto. Povoando as salas onde se encontram espalhadas grande numero de preciosidades antigas, recorda-nos ter visto entre outras as sr.as: Marqueza de Sousa Holstein, condessas de São Payo, de Vinhó e Almedina e de Estarreja e filha D. Maria, Viscondessa de Sacavem (D. Matilde), D. Assunção da Cunha Menezes Pinto Cardoso e filhas D. Ana e D. Maria Rosa, D. Emilia Caldeira Bourbon Ferreira Pinto Basto, D. Maria Emilia Infante da Camara de Trigueiros Martel, D. Maria da Madre de Deus de Vasconcelos Seabra de Lacerda e filha D. Maria Natalia, D. Maria José da Costa Campos e filhas D. Violante e D. Maria, D. Alda de Sousa e Vasconcelos Alves e filha D. Maria Luiza, D. Beatriz de Sousa e Vasconcelos Calvet de Magalhões e filha D. Maria Helena, D. Margarida Pinto de Sousa Coutinho Fernandes, D. Palmira de Navarro Viana Bastos e filha D. Palmira, D. Adelaide Lima Cruz e filha D. Maria Adelaide, D. Antonia Cardoso e Silva de Noronha Porto, D. Maria Franco dos Santos de Castelo Branco, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Maria Sofia e D. Clarisse Maria de Menezes Cardoso e Silva (Godim), D. Maria de Lourdes da Cunha Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Eugenia Gorjão Henriques, D. Maria do Carmo de Azevedo Coutinho, D. Maria das Dores de Magalhães de Barros, D. Helena de Vasconcelos Guimarães (Riba-Tamega), D. Maria de Lourdes de Magalhães de Barros, D. Fernanda e D. Stela de Lencastre Laboreiro Fiuza, etc.

Os ilustres donos da casa foram de uma cativante amabilidade para com todos os seus numerosos convidados que se retiraram gratissimos com os deliciosos momentos que lhes oroporcionaram.

Aniversarios

A'manhã fazem anos as sr.as:

Condessa de Vila Real e de Melo, D. Sebastiana Viana Ferreira Roquete, D. Laura de Almeida Coutinho e Lemos (Seixo), D. Maria Izabel Varenes de Mendonça, D. Julia de Castelo Brauco de Castro e Almeida de Melo Breyner, (Mafra), D. Maria da Gloria de Queiroz e Lencastre, D. Maria Beatriz Centeno Gorjão Henriques e D. Maria Tereza Santos Leitão.

E os srs..

Conde de Azevedo, Jorge de Mendonça Zileri dal Verme, Pedro de Magalhães Vanzeller e Amancio Caiola Zagale.

Recita de homenagem

Começou hoje no teatro Avenida a troca dos bilhetes provisorios para a recita que na noite de 12 do corrente se realizará neste teatro com a «reprise» unica da peça de grande exito «A Inimiga» de Nicodemi, tradução do comediografo sr. Eduardo Schwalbach, de homenagem dedicada pela empreza aos seus cronistas mundanos e nossos camaradas de trabalho.

Em viagem

Partiu hoje para o norte o sr. Marquez de Sousa Holstein.

—Partem no fim do corrente mês para as suas propriedades nos Açores os srs. Marquezes da Praia e Monforte.

TEATROS

A proxima "premiére" do Gimnasio

No palco do Gimnasio anda tudo em dobadoura.

Araujo Pereira, o talentoso ensaiador que todos conhecem, trabalha sem cessar nos ensaios de apuro da vibrante peça de Mirbeau «Les affaires sont les affaires» vertida para o nosso idioma com o titulo «Negocios são negocios». Na comedia, recheada de scenas violentas e de situações empolgantes, tem Alves da Cunha ensejo para mais uma vez patentear os seus admiraveis recursos artisticos.

O principal papel feminino, eriçado de dificuldades, cheio de arestas e de «nuances» foi confiado a Berta Viana da Mota.

Serão as suas qualidades de artista suficientes para desempenhá-lo a contento dos exigentes? Os amadores de teatro esperam a primeira do «Les affaires» para se pronunciarem.

O certo é que Araujo Pereira, que com essa «premiére» realisa a sua festa artistica, tem trabalhado afanosamente na ensceнação e espera que o seu trabalho, bem como o de todos os artistas do teatro do Gimnasio, seja coroado dum exito mais do que compensador.

Oxalá assim seja.

Noticias ineditas

O actor Robles Monteiro faz a sua festa no Teatro Nacional com a primeira representação da peça em 4 actos *Os Cegos*, original do ilustre escritor Joaguim Leitão.

—Tito Arantes, autor de duas pequenas operetas, que foram ouvidas com geral agrado em alguns dos nossos primeiros salões mundanos deve estrear-se como autor dramatico brevemente no Teatro Nacional com a representação da sua peça *Emigrantes*, que será levada á scena em festa artistica da ilustre actriz Amelia Rey Colaço.

—Segundo nos informam projecta-se fazer na 50.ª representação da peça *Zilda*, que actualmente está em scena no Teatro Nacional, uma festa de homenagem ao seu autor sr. dr. Alfredo Cortez.

—Na proxima epoca de verão o teatro Avenida será explorado por uma companhia de declamação que está sendo organizada pelo actor Robles Monteiro e pela actriz Amelia Rey Colaço.

Parece que farão parte dessa companhia, entre outros, os artistas Henrique de Albuquerque, Laura Hirsch, Matos Reis, Seixas Pereira e Constança de Ernelo.

No repertorio figuram, além dos originais portugueses, algumas peças francesas, recentemente representadas em Paris, das quais Robles Monteiro adquiriu o exclusivo.

—Está sendo distribuida no Teatro do Ginasio a comedia em 3 actos *Adão e Eva*, do ilustre dramaturgo e poeta sr. dr. Jaime Cortezão, que brevemente ali subirá á scena em festa da actriz Berta Viana da Mota.

—Está em ensaios no S. Luis para a recita do actor Henrique Alves a opereta *Sinos de Corneville*.

N.º 1 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 7-3-921

O ESCONJURO

NOVELA POR AQUILINO RIBEIRO

...ompendo pelo milharal fóra, d'estes mi...aes já adeantados, verde-apopleticos e ...açudos, de pendão mais soberbo que ...s erguidas, Aurelio foi surpreender o ...bade, ao fundo da fazenda, a refrescar ...rrifador em punho os alfobres que ti... sêde. Ali perto, a agua caia da bica ... n'uma dôce toada de cantilena, e ... mais zelo que de hissope a enxo... ...spiritos malignos, ia e vinha, asper... direita e á esquerda sobre as cou...nchas, já orelhudas,—o seu consôlo ...ias de magro, cosidas com bacalhau, ...epois de lhes gear o dezembro.

A ponta vermelha do tabaqueiro a esvoaçar do bolso, casaco ruço de bater, sócos reforçados por testeiras de ferro, afavel com estranhos e resmungão com os proximos, ali estava o padre Inocencio, grande trunfo politico e pregador de nomeada. A egreja era montesinha, mas congrua, passal de carôço e de regadio, responsorios e folares, que de lautos alambravam na ucha, tornavam-na a mais cobiçada da mitra.

O Abade foi efusivo, mais que de razão, a acolhel-o; e, largando logo, ao subirem o carreiro, aqui e ali, menos ao desenfado que para rebater com rasgo a confusão de ser colhido d'aquele geito, aqui e ali dobrava-se a cortar com o sacho a leituga balofa, a macela teimosa, que, mais daninhas que os pecados, acudiam ao refeitorio farto do quintal. Ao alto, debaixo da latada que cobria de frescôr um patim de largo lanço, roçado dos passos, e a duas varas de terra, onde se espojavam galinhas, puxou de «fortes»:

—Vae um?

—Muito agradecido, os medicos proibiram-me o tabaco.

—No meu tempo—tornou ele, detendo-se com o acender o fosforo dentro da cava das mãos ambas, habito de quem anda pelos caminhos—no meu tempo não havia possibilidade de fumar no Seminario. D. Antonio — *requiescat in pace* — era inimigo jurado dos fumadores. «O cigarro é um alambique de ociosidade e de devaneio— dizia ele — *ergo* de pecado». E chegou a expulsar alguns seminaristas que traziam amarela a pôlpa dos dedos. Era um dragão!... Agora, não sei...

—Agora ha menos rigor com os fumadores—respondeu Aurelio.—O vice-reitor fuma, os monitores fumam... o proprio bispo gosta de queimar o seu charuto, mas muito em particular. Metade do que se pratica no Seminario, o sr. Abade está cheio de o saber, decorre debaixo de capa.

Passou um breve silencio entre eles, durante o qual se ouviu chocalhar a agua de rega que limava no batatal, acima de cujo verde quasi negro, sem transparencia, flôres umas que outras, brancas d'uma pureza de neve, brancas molhadas de rôxo, se elevavam mais ligeiras que borboletas.

O Abade seguia em baixo a manobra do abegão, arremengado até ao joelho, chapeu de palha centeieira com debrum azul a toda a hora, a governar a agua, á frente d'ela, a qual, como um rebanho de rezes novas, se espalhava a todos os pontos indocil e jovial. E, vendo-o pressuroso á direita e á esquerda, gritou-lhe:

—Abriste muito ao boeiro, homem! Com agua a monte, escalvas a terra toda.

O criado rosnou uma resposta breve que se perdeu e o Abade ficou a queixar-se para Aurelio dos moços da lavoura, que não valiam a mantença e exigiam uma soldada de capitão-mór. Depois, saltando de assunto, dando á voz um tom lento de interesse, proferiu:

—Isso ha de ser de pouca monta... Com a ajuda de Nossa Senhora e os ares d'estas serras, quando vier o tempo da caça, póde pegar da espingarda e estafar um bando de perdizes.

—Assim o espero—respondeu o teologo. —Os medicos mostram-se optimistas, contanto que eu me abstenha de todo o esforço, mesmo ler. A lesão exige um espirito inerte deante no mundo e das coisas, dizem, e o mais dificil é precisamente isto, estancar dentro de nós a corrente do pensamento que nos leva. Mas vou, vou tentar reduzir-me a vegetal.

—Ora, á sr.ª D. Francisquinha não faltam posses, e Aurelio é uma criança. Que se ordenasse já, não podia receber ordens de presbitero!...

—Sim, é verdade. Teria de esperar dois anos.

Afagado da sombra, que a aragem dos

A CIDADE

VIRGINIA VITORINO

A poetisa do soneto — Impressões de arte
Virginia Vitorino — Através dos "Namorados"

Procurámos ontem Virginia Vitorino, autora do livro de versos «Namorados», que obteve ha poucas semanas o maior, o mais justo, o mais ruidoso sucesso dos ultimos tempos.

Virginia Vitorino recebeu-nos com um lindo sorriso a dançar-lhe nos labios delgados e inteligentes.

—O que quer então de mim?

—Muito pouco, descance. Quero apenas submeter a sua alma a um curto interrogatorio.

Sem perda de tempo, lançando apenas um rapido olhar ás coisas que me cercavam, iniciei a serie de perguntas que o meu cerebro forjara, quasi sem eu dar por isso.

—Diga-me em primeiro lugar: esperava ou não o exito que tão merecidamente alcançou com a publicação do seu livro de versos?

Virginia Vitorino sorriu com agrado:

—Não. Se quer que lhe diga a verdade, tinha mesmo o receio de ser mal sucedida...

—Ora essa! Não sabia então que Lisboa inteira a admirava já pelos lindos sonetos publicados em diferentes jornais?

—Admirar não é bem o termo... Mas não era a critica que me assustava. Essa, confesso-o, nunca me fez medo... O que eu temia era a indiferença da grande maioria, do publico burguês, porque o que eu desejava acima de tudo era que todos me entendessem, que todos, pequenos e grandes, soubessem ler nos meus versos a emoção que os ditara, a sinceridade com que os escrevera.

Interessada, continuei:

—Mas tambem nesse ponto não teve razão de queixa...

—Não, graças a Deus. O meu livro esgotou-se em 8 dias. Foi uma semana de enervamento e de excitação constantes...

—Que depois bemdisse não é verdade? O sucesso do seu volume...

Uma frase sincera, impoz-me imediatamente o silencio:

—Pelo amor de Deus não me fale mais no meu livro! Se soubesse como estou cançada de ouvir dizer sempre a mesma coisa!

—Mas então... Você é muito curiosa... Ha em si o germen de todas as vaidades e de todas as modestias...

Mas deixe-me fazer-lhe ainda umas perguntas. Sabe que muitas curiosidades esperam satisfazer-se com a leitura destas mal alinhavadas linhas?

—Pois pergunte-me o que quizer. Prometo ser sincera, mesmo quando você fôr indiscreta.

Uma claridade mais doce viera substituir a ardencia metalica do sol a prumo.

Na minha frente Virginia Vitorino, loira, franzina, com uns grandes olhos azues de criança, era para mim o mais indecifravel dos enigmas. Horas antes lera eu os seus sonetos, essa admiravel colecção de frases de amor, essa milagrosa cadeia de sensações, onde palpita, freme e estua a seiva gloriosa de uma natureza riquissima. E agora, olhando os seus olhos; a expressão infantil da sua beleza, eu tinha cada vez mais a «certeza» de que essas frases nunca ela as dissera, de que essas sensações nunca ela as vivera.

Mais interessada, se possivel fôr, fitei os meus olhos nos dela.

—E' capaz de dizer-me porque principiou a fazer versos?

—Porque sentia em mim o desejo imperioso de repartir com alguem a minha anciedade de mostrar

a toda a gente o excesso de emoção que me consumia, de comunicar com o mundo através do ritmo dos versos e da cadencia dos sons.

—Não foi então um proposito firme de marcar a sua individualidade?

—Não. Foi apenas um desejo natural de expansão.

—Visto isso posso então supôr que são sentidos todos os seus versos?...

—Conforme o que entender por essas palavras... Sentidos porque nasceram dum estado de alma e sintetisaram as sensações dum momento, sim. Mas porque sejam a expressão exacta dos meus verdadeiros sentimentos, não...

—Para provocar novas frases, novas confissões, contrariei-a:

—Sentimentos verdadeiros? Há então sentimentos que o não sejam?

—Não, você tem razão. Eu é que não me expliquei bem. Há em mim duas especies de sentimentos: aqueles que de facto existem porque me acompanham pela vida adiante, e aqueles que são filhos da minha fantasia, e que desaparecem mal os traduzo nos 14 versos dum soneto».

—E' muito interessante tudo isso, sabe! Mas ha ainda outra coisa que eu gostava de saber. Porque tem uma preferencia tão marcada pela poesia subjectiva?

—Porque é a unica em que eu poderei ser sincera. Quando principiei a fazer versos nem sequer apreendia a beleza das coisas. A poesia objectiva deixava-me completamente indiferente. Mais tarde compreendi que laborava num erro. Então olhei melhor á minha volta e vi um mundo de belezas novas. A curva dum Poente, as metamorfoses das plantas, o misterio insondavel do mar, começaram a impressionar-me. Mas não podia ainda fazer versos objectivos. Todo o encanto que as coisas se evolava servia-me apenas para mais comovidamente olhar dentro de mim os multiplos aspectos da minha sensibilidade. Agora.

—Um dom de opinião, não é verdade?

—Inteiramente ainda não... Mas pressinto que o meu proximo livro de versos será muito diferente do primeiro...

Virginia Vitorino calou-se um momento. Uma tristeza indefinida empalideceu um momento o brilho do seu sorriso. Nitidamente percebi que um pensamento mais fundo lhe perturbára o espirito.

—Diga-me depressa, Virginia Vitorino: Em que pensa neste instante?

—Na insuficiencia das palavras para exprimir a maxima emoção. Ah, a eterna ancia de subir mais alto! Você sabe lá como eu sofro!

....

Calou-se. Não quiz dizer mais nada... Uma poeira dourada coada pela vidraça da janela pombalina veio bater-lhe em cheio na fronte meditativa...

O relogio da igreja mais proxima estremeceu em badaladas lentas. Despedi-me. Uma sombra pairava ainda sobre as suas palpebras dormentes. Mas o lindo sorriso voltára aos seus labios inteligentes e já na escada ouvi ainda a sua voz:

—Não diga muito mal de mim aos seus leitores, não?

Sahi finalmente, cá fóra preocupou-me ainda um momenco a anciedade que pressentia no lamento da poetisa. Depois a vertigem da rua tomou-me toda e lá fui á minha vida tranquilamente, socegadamente...

Maria Fernanda de Castro e Quadros

A gréve da Imprensa

Publicamos a seguir o acordo firmado entre a direcção do *Diario de Lisboa* e a Comissão Executiva Pró-Aumento de Salario dos Trabalhadores de Jornais:

Lisboa, 5 de Abril de 1921.—Entre a Empresa do *Diario de Lisboa* e a Comissão Executiva Pró-Aumento de Salario dos Trabalhadores de Jornais é estabelecido o seguinte acordo provisorio para vigorar até solução do actual conflito.

1.º—Cada componente do quadro tipografico receberá semanalmente a quantia de 52$50;

2.º—O pessoal de maquinas e de esteriotipia tomará o trabalho percebendo as férias anteriores a este movimento, acrescidas de cincoenta por cento;

3.º—Os distribuidores tomarão o trabalho nas mesmas condições do pessoal de maquinas e de esteriotipia;

4.º—Os quadros redatorial e de revisão perceberão os vencimentos a estabelecer de comum acordo entre os mesmos e a Empresa do *Diario de Lisboa*, tendo, porém, em vista as reclamações destas classes;

5.º—A Empresa do *Diario de Lisboa* compromete-se a aceitar as condições que venham a ser estabelecidas definitivamente no fim do actual conflito existente entre algumas empresas jornalisticas e trabalhadores de jornais.—*Joaquim Manso, Alexandre Vieira, Raul Silva, Walter Machado.*

A proposito de literatura

Mais livros, cada vez mais livros nas montras dos livreiros. Já não é um exemplar, são montes de exemplares que se aninham cordealmente lado a lado, na confusão maxima das exposições literarias. Simples, despretenciosos, alguns volumes têm, na brancura ingenua da capa, a sintese do seu conteudo; outros, pelo contrario, ostentam fisionomias gritantes, alacres, sanguineas, em que explende, canta, ruge, palpita, em paroxismos de emoção, a vibratilidade forte e marcante da gente nova. Mas todos os livros, quer simplorios, quer violentamente modernos, se juntam nas montras dos livreiros como velhos amigos que ha muito se não encontram—eles que se odeiam quanto podem, que brigam, que lutam ferozmente, logo que a mão do comprador os tira da montra—Babilonia. Assim, Julio Dantas, calmo, imensamente calmo, na sua emoção ultra-ligeira, toca de perto a prosa articulada e berrante de Antonio Ferro; tal como os versos placidos de Tomaz Ribeiro Colaço repousam docemente ao lado das fantasias estéticas do Alfredo Pimenta.

Hoje, na minha visita habitual ás livrarias, tive a agradavel surpresa de encontrar caras novas.

João do Rio, um cronista brilhante, um nadinha incoerente, que faz furor no Brasil, manda-nos o seu ultimo volume «Rosario da Ilusão»; e o nosso prosador Sousa Costa põe á venda mais um livro, a que deu o titulo de «Milagres de Portugal»

Por hoje é quanto sabemos.

Vamos a ver ámanhã...

[illegible]uteiros tonificava, contente das novidades que os seus olhos viam pular ao sol forte de julho, o Abade aprouve-se a evocar os velhos tempos do Seminario, quando se aprendia a logica pelo Genueuse e a metafisica pelo Stagirita.

—O padre Roseira ainda é vivo?

—E', mas muito velhinho. Quando saiamos a passeiar pela estarda do Relogio de Sol, viamo-lo ás vezes na quinta. Tão diafano, quasi uma sombra, muito dobrado para a terra, sem erguer nunca a cabeça, vinha-me sempre á ideia que andava a soletrar o *memento homo qui pulvis es*...

—Lá nisso era ele um artista!... P[illegible]nho pena, foi o meu mestre de [illegible]. Há que mundos! Mas olhe, ainda [illegible] esqueci das despertativas que nos [illegible] rilava na cabeça com os os nós dos d[illegible] sempre que emperravamos nas declin[illegible]ções. Era um humanista temivel. O João de Morais, sequaz do Padre Manuel Alvares do tempo dos afonsinhos, era duro de roer; mas quando entrava era para nunca mais, enroscava-se á memoria como a hera a uma parede e dali só com a cova. Sabiamos a arte toda, da etimologia á prosodia, de côr e salteada. Então da nomenclatura poetica não lhe falo. O Padre Roseira, que versejou em latim, exigia que trouxesse-cias. mos tudo na ponta da lingua. A que pontos, eu lhe digo... Horacio não tinha verso hipercataletico, ou adonio que não soubesse desdobrar, nem em Virgilio havia cesura que eu não matasse á legua. Há que mundos! Eu lhe digo, hoje ainda sei a gramatica como o padrenosso... o mais arrevezado, até esses pronomes de má morte...

E o sr. Abade, em prova, desfiou leoninamente uma esdruxula declinação.

—Chama-se a isso uma memoria de bronze.

—Qual?! Chama-se isto receptividade aos cascudos do Padre Rozeira. Do resto, ontologia, teodiceia, dogma, esqueci tudo. [illegible] me lembra que há sete propriedades no [illegible]iduo: *Forma, figura, locus, tempus,* [illegible] *patria, nomen, Haec ea sun septem,* [illegible] *habet unus et alter.* E viva o [illegible] latinorio, lá nisso a vaidade me s[illegible] um barra. No bom e no mau; ain[illegible] capaz de recitar os casos todos [illegible] palavras barbaras, ou de baixa l[illegible]nadas por agutinação, e que sã[illegible]s que leguas. Sabe?

—Julgo q[illegible]prendiz de latim que não m[illegible] extravagan-

—E' verdade, isso é a giria do latim, latão como lhe chamam. O Padre Rozeira não nos ensinava estas coisas, mas ouvi-lhe eu dizer que era um bom exercicio glotico, por isso as não reprovava. Trauteavamo-las e entretinhamo-nos a compôr ou a embaçar os novatos com frases biligues como aquela *Uvas Atenas portas.* Algumas eram bem equivocas. Hoje, já se não ocnpam com essas frioleiras?

—Ocupam, pois, não ocupam! A Igreja está construida sobre pedra—*super hanc petram*—tudo em volta, a começar pelo ensino eclesiastico, petrificou.

O sr. abade não compreendeu ou não quiz compreender, e arrimado ao grato corrimão da lembrança, foi remomorando:

—O latim servia-nos até de pretexto para mexer em coisas menos discretas. Aos caloiros obrigavamo-los a declinar Tertulianus, e outras palavras, percebe? que involvem em certos casos um sentido afrontoso para quem as pronuncia, atendendo á decomposição etimologica que se lhes supõe.

—Sim, hoje como ontem, essas coisas são saboreadas, ditas e reditas. E' a valvula do instinto contrafeito.

—No meu tempo—tornou o abade, apanhando o fio subtil, quasi subterraneo, que deixára Aurelio—os grandes, como denominavam aos teologos e aos barbados, no sabado á noite achavam sempre geito de se pirar por uma porta que da cêrca abria para a rua do Castelo. A essas excursões sobrepticias, chamavamos nós «ir a Sodoma». Até uma vez houve escandalo em casa duma Micas, muito falada ao temp[illegible] por se envolverem em desordem, devid[illegible] diferenças ao jogo, um terceiranista e [illegible] furriel. Malharam ambos com as costa[illegible] cadeia e quem valeu ao seminarista f[illegible] os bons padrinhos e ter já ordens de di[illegible]no. Já morreu... Mataram-no na fore[illegible]idade com um tiro de bacamarte á [illegible] das urnas, numa eleição que os pr[illegible]sistas disputavam aos regeneradores [illegible] concelho da Pesqueira.

—Tal porta já não existe—declarou [illegible]relio.—O Seminario, agora, é espado c[illegible] um tumulo, e, que não fôsse, essa viagem nocturna seria comprometedora e arriscada

O seminario tem espiões pela cidade, depois o paisano, hoje em dia, divorciou-se do clerigo... não fragúa com ele... considera alcouces e tavolagens como feudo só seu. O eclesiastico, com o advento da democracia, nem o direito tem de debochar-se.

(*Continúa*)

COLONIAS

APRESSEMOS O DESENVOLVIMENTO DAS COLONIAS

Angola e o sr. Norton de Matos

Problema vital da provincia:—meios de transporte

A meia duzia de dias da partida do sr. general Norton de Matos voltam-se para a nossa provincia de Angola os olhares metropolitanos, á espera de que se faça sentir a tão desejada acção governativa do alto comissario. O homem que vai tomar conta do governo de Angola tem já no seu passado de colonial uma obra brilhante como governador da provincia. Com os poderes larguissimos que lhe concede a lei que instituiu os altos comissarios, tendo-se rodeado de um grupo de tecnicos que mostram a melhor boa vontade no desempenho da sua missão, ha ainda muito mais a esperar da sua experiencia, e do desejo firme que o alto comissario tem, de acertar, apressando a obra de desenvolvimento daquela nossa rica possessão ultramarina,

Querendo dar aos seus leitores uma ideia rapida, mas impressiva, do que é e do que pode ser dentro em pouco a provincia de Angola, avistou-se um redactor do *Diario de Lisboa* com o distintissimo colonial sr. Marques Ribeiro, que, em poucas palavras, nos poz ao corrente da actual situação da provincia, deixando-nos antevêr um futuro todo de prosperidade e de vigoroso desenvolvimento comercial e agricola.

A escolha do alto comissario

—O nome do sr. Norton de Matos para o cargo de alto comissario — diz-nos o sr. Marques Ribeiro — foi indicado pelos proprios coloniais de Angola, que conhecem perfeitamente os seus merecimentos de homem de govêrno, bem demonstrados quando o hoje alto comissario foi governador da provincia. Temos uma fé absoluta na sua experiencia e nas suas raras qualidades de trabalho.

«Com a acção administrativa do alto comissario, Angola pode ser a salvação do nosso país, tenho a certeza. As suas possibilidades de produção são incalculaveis. Além dos chamados produtos coloniais, dos chamados países quentes, dão-se ali admiravelmente os cereais e todos os produtos dos climas frios. O trigo e o milho, que nos obrigam a uma extraordinaria drenagem de ouro para o estrangeiro, podem vir de Angola em magnificas condições e em quantidade mais do que suficiente para o consumo da metropole.

—A situação, por enquanto, é de esperanças, não é verdade?

—Claro. Até agora nada se tem feito para que possam aproveitar-se convenientemente todas as riquezas que de Angola nos podem vir. A politica administrativa do alto comissario deve incidir principalmente sobre o momentoso problema das vias de comunicação.

Angola sem meios de transporte

«Pode dizer-se que a provincia de Angola—acrescenta o sr. Marques Ribeiro—não tem meios de transporte, tão mal aproveitados são aqueles com que foi dotada em longos anos de vagarosa colonisação. Ha três problemas de que o alto comissario precisa ocupar-se urgentemente: abertura de estradas, dragagem de rios e construção de caminhos de ferro. São os três vertices do triangulo—base do desenvolvimento da provincia. Além disso, torna-se indispensavel uma garantia de ordem para que os colonos possam trabalhar descançadamente. Logo que se ponha em pratica a urgentissima politica administrativa dos meios de transporte, a exportação quintuplicará.

«O caminho de ferro de Loanda a Malange transporta mensalmente—é quasi irrisorio—trezentas toneladas de carga para Loanda. A linha está num cáos e serviço de passageiros não existe.

O caminho de ferro de Lobito não tem material bastante para o trafego comercial e o de Mossamedes está ainda em construção. E' tambem urgente fazer a dragagem do rio Quanza, que tem condições naturais para ser uma excelente via de comunicação.

A mão de obra facilitada

—Não haverá possibilidade de fazer derivar a nossa corrente emigratoria para as colonias?

—Assim de repente é impossivel. As cidades não teem as necessarias condições de salubridade para receber os colonos. Antes de mais nada, é preciso preparar lugares proprios para fixar a colonização. E ainda o problema da mão de obra anda intimamente ligado ao dos meios de transporte. Ha pontos salubres situados a grandes distancias das vias de cumunicação. Uma vez que se abram linhas ferreas, podem criar-se ali importantes nucleos de população. E não é só fazer derivar para Angola a nossa corrente emigratoria, é tambem fixar o colono á provincia, dando-lhes escolas para educar os filhos e assistencia medica para não ter de recorrer á metropole em caso de doença grave.

—Que opinião tem sôbre a cidade de Loanda?

—Loanda tem condições naturais para ser uma grande cidade. O que não ha é iniciativa, ou quando ela aparece não tem a necessaria protecção oficial.»

Em resumo: Angola precisa de linhas ferreas, muitas linhas ferreas. O aumento dos meios de transporte trará um aumento paralelo da colonisação. E uma vez colonisada a provincia, o progresso bate azas e conduzir-nos-ha a um futuro largo, honesto, desanuviado. Os coloniais têm fé e isso já representa alguma coisa—na obra administrativa do sr. Norton de Matos. E' a hora de esperar o desenvolvimento de Angola.

PROVINCIAS

Anciäo, 3.

A comissão central de execução da lei da separação cedeu á Administração Geral dos Correios e Telegrafos o antigo presbiterio desta vila. Consta que a Administração dos Correios tenciona reconstrui-lo a capricho para nele instalar a estação telegrafo-postal, que aliás já funciona ha anos, numa dependencia bastante acanhada do mesmo edificio.

—Este concelho que durante o longo periodo da guerra lutou com falta de meios de condução rapida, é actualmente servido por duas carreiras de camions: uma de Coimbra ao Pontão e outra, a que mais aproveita a esta vila, de Pombal a Figueiró, que transporta também as malas do correio.

Agueda, 5.

A Camara Municipal resolveu fazer-se representar na manifestação nos soldanos desconhecidos pelo sr. dr. Manuel Alegre, deputado por este circulo. A' Batalha vão varias representações.

—Tem estado doente o sr. dr. José Gomes da Costa.

—No proximo dia 10 do corrente realiza no Centro Republicano uma conferencia o sr. dr. José Henrique Barata, professor do liceu de Aveiro.

Caldas da Rainha, 5.

No dia 9 realiza-se no quartel de infantaria 5 uma sessão solene em honra das vitimas da grande guerra. E no dia 10 antes da chegada aqui do comboio que conduz á Batalha os cadaveres dos soldados desconhecidos, efectuar-se-há um grande cortejo civico, em que tomarão parte todos os elementos militares e civis do concelho.

—Parte do comercio daqui está tratando dos estudos para a montagem duma linha telefonica, que ligue com a rêde Lisboa-Porto, desta vila. O sr. Paulino Montez um dos mais importantes comerciantes desta região, disse-nos ha dias, ter como certo este grande melhoramento, para o comercio desta vila e povoações visinhas.

—Já começaram no hospital D. Leonor, e parque os preparativos necessarios para a abertura da epoca termal, a efectuar no dia 15 do proximo mês de maio.

Cantanhede, 5

Apesar de algumas divergencias suscitadas com os funcionarios judiciais da capital do norte, os oficiais de justiça desta comarca continuam a dar o seu incondicional apoio á comissão que se encontra nessa cidade, para que, com a maior brevidade, faça publicar na folha oficial a justa melhoria de situação porque de ha muito pugna tão prestimosa classe.

—Ha dias que inumeras pessoas deste concelho caminham para o lugar de Balças, no firme proposito de ouvirem a «a alma do outro mundo», ou seja uma voz semelhante á das cabras, que aparecia naquele sitio á hora das Trindades; porém, um grupo de individuos, desvendou tão grande misterio, descobrindo a voz de uma ave que, segundo dizem, pertence á familia do noitibó.

Estamos como um amigo nosso, que dizia ao povo na ocasião em que se dispunham a escutar a tal voz:—Não é do outro mundo, pela simples razão de estar neste.

—Consorciou-se ontem, com uma gentil senhora de Santa Comba Dão, o nosso presado amigo sr. dr. Mario Paes de Sousa, distinto advogado nesta comarca e que aqui gosa inumeras simpatias.

Auguramos-lhes uma perene lua de mel.

Povoa de Varzim, 5

Registo com agrado a publicação de mais este baluarte da imprensa e farei por bem informar sempre os meus leitores.

—Para o proximo dia 9 de Abril projectam-se aqui diversas manifestações, no sentido de glorificar a data celebre que esse dia significa.

Assim, ha sessões solenes na Escola Primaria Superior e no quartel do 3.º grupo de Administração Militar.

O Club Naval Povoense empenha-se em levar por diante uma recita de gala e promover ás 14 horas uma grande manifestação de respeito, com girandolas de morteiros, repiques de sinos, paralisação de todo o trabalho e grande orfeon infantil com todas as crianças das escolas.

—O Orfeon Poveiro, da regencia competente do sr. dr. Josué Trocado, vai realizar uma serie de excursões artisticas que sirvam de incentivo para os grupos congeneres e levem longe o nome desta linda terra.

Assim, como inicio, realiza uma grande recita no Teatro da Trindade, do Porto, em 14 do corrente, contando a seguir ir a Coimbra, Lisboa e outras localidades do sul do país.

—E' grande a procura de casas para a proxima epoca de banhos, motivo porque tudo indica que ela será animadissima.

—Esteve aqui ha dias o sr. dr. Antonio da Fonseca, ministro do comercio, que visitou a vila, admirou a praia e ouviu as reclamações dos habitantes povoenses, que anceiam ver esta terra com os melhoramentos que merece e necessita.

—Encontra-se em Calves, Beiriz, o sr. dr. Alfredo Brandão, ilustre ministro do Brasil em Stocolmo, que ali tem recebido os cumprimentos de muitos dos seus amigos e admiradores.

—Tem feito um tempo lindissimo, motivo porque a praia de pescado se vem animando bastante nos ultimos dias e a safra vai sendo muito regular.

—Regressou aqui o deputado por este circulo sr. Antonio dos Santos Graça.

Santa Comba Dão, 5.

Tendo gostosamente aceitado o encargo de correspondente do *Diario de Lisboa*, que hoje inicia sua publicação, apresento os meus sinceros cumprimentos ao seu director e corpo redactorial, fazendo votos pela prosperidade da nova empreza.

—Os trabalhos agricolas prosseguem com grande azafama, em razão da forte estiagem que muito está prejudicando a agricultura.

Se durante um certo lapso de tempo não formos beneficiados com chuvas, ficarão muitos terrenos de sequeiro adequados á cultura do milho por arrotear.

—Apezar da grande relutancia dos proprietarios, continua a aparecer á venda nos estabelecimentos, azeite ao preço de 2$90 o litro. Não está assegurado o consumo para o ano, mas no entanto afirma-se que o azeite do concelho durará ainda por largos tempos.

Milho continua a haver em abundancia. O colonial é aqui vendido ao preço de 6$40 os 16 litros

—A festividade da Senhora da Ribeira do Pranto, deste concelho, decorreu com bastante entusiasmo. Sobretudo, o arraial, foi muito regularmente concorrido.

—Partiu para o Congo Belga a cuidar dos seus importantes negocios comerciais, o nosso estimado conterraneo e amigo sr. Arnaldo de Lemos.

Uma feliz viagem é o que lhe desejamos.

—Solicitou a exoneração do cargo de administrador deste concelho o sr. João Morais, alferes de infantaria 14. Para o substituir foi nomeado o sr. Alfredo Correia Santos, que tomou posse no dia 4.

—Realizou-se o casamento do sr. José Dias Farinha, activo comerciante em Africa, com a sr.ª D. Ida Gomes de Lemos.

Os nossos sinceros parabens.

—Tambem se efectuou o casamento do sr. dr. Mario Pais de Sousa, com a sr.ª D. Palmira Pratas Negrão.

Viseu, 1

Para homenagear a memoria dos soldados desconhecidos, esta cidade envia á Batalha uma delegação da Camara com sua bandeira, o dr. M. Aragão como representante da Junta Distrital e dos estudantes dos dois sexos. A Junta faz depositar no feretro uma artistica granada. Em autos e camions seguem tambem bastantes pessoas, e mais viriam se a Companhia Nacional tivesse organizado um comboio directo a Leiria.

—A Companhia do Vouga tenciona estabelecer, no proximo verão, comboios expressos entre Viseu e Espinho. Excelente lembrança, visto que o trajecto se realisa numa região rica e populosissima. Todavia, necessario se torna estudar bem este melhoramento, de forma a dar ao publico turista as devidas comodidades. Convem que estes comboios sejam aos domingos, terças e quintas-feiras, devendo sair de Viseu ás 5 e regressarem até ás 21 do mesmo dia, parando apenas nas estações principais e não demorando no percurso mais de quatro horas. Indicamos aqueles dias, dado que não possam efectuar-se quotidianamente. A linha do Vouga, graças ao seu pitoresco (talvez unico em linhas ferreas nacionais) é para prestar ao grande turismo e dar á companhia optimas vantagens, desde que a sua exploração se faça com a maxima inteligencia.

—São esperados aqui os estudantes madrilenos da faculdade de letras e os alunos de botanica da universidade de Zurich (Suissa). Os primeiros veem visitar o museu de Grão Vasco e os segundos a flora caramulana.

Lêr na 4.ª e 5.ª paginas

"O Esconjuro,"

novela de

Aquilino Ribeiro

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde em Lisboa—R. do Comercio   Agencia em Lisboa—Cais do Sodré

CAPITAL SOCIAL ESC. 48:000.000$00—CAPITAL REALISADO ESC. 24:000.000$00

RESERVAS ESC. 24:900.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castélo-Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã Evora, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Torres-Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes e Vizeu.

FILIAIS NAS ILHAS: — Funchal e Ponta Delgada.

FILIAIS NO ESTRANGEIRO: — PARIS, Rue Helder, 8, — LONDRES, Throgmortor Street, 27-B — NOW-YORK, Liberty Street, 93.

FILIAIS NAS COLONIAS: — S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Macau e Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, Campos, S. paulo, Santos, Baía, Bernambuco, Parahyba, Pará e Manaus.

Recomendam-se as filiais deste banco no Brasil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal.
Correspondentes nas principais localidades do continente e ilhas adjacentes e em todas as cidades do mundo.
Operações bancarias de todos os generos.

Compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, etc.
Operações de Bolsa.
Cartas de credito directas e circulares sobre as colonias e todos os paizes do Mundo.

NO ESTRANGEIRO

A gréve dos mineiros ingleses

De parte das minas será impossivel extraír mais carvão

O governo inglez toma todas as precauções para que os efeitos da gréve não sejam a falta absoluta de carvão.

Limitando á iluminação de montras e cartazes, limitando o consumo domestico, fechando talvez teatros e animatografos, reduzindo até á iluminação das ruas, espera poder atravessar esta crise tremenda que terá e já vae tendo gravissimas consequencias.

Já estão egualmente tomadas precauções para o caso dos ferroviarios e operarios de transportes fazerem causa comum com os grévistas.

Quaesquer que sejam, porém, essas medidas, não passam d'um mero paliativo, diante do facto da destruição das minas, que se tornará inutil n'um praso mais ou menos longo.

E' caso para os mais frios admirarem a [illegible] [illegible] indefinido.

Os proprietarios [illegible] não esperavam a inundação; conta-se em South-Staffordshire já o numero dos poços inundados se eleva a seis e pela configuração geologica do solo teme-se que em poucas horas toda a região esteja destruida.

Parte das industrias metalurgicas já pensam em fechar e todas as outras industrias acabarão decerto por paralisar. Em Sheffield já foram despedidos 30:000 operarios metalurgicos.

Das minas destruidas será impossivel extraír o carvão, talvez para sempre, e di[illegible] os telegramas que, excepto algumas [illegible]ordens ao sul de Gales, a maior parte [illegible] mineiros olha indiferentemente os acon[illegible]imentos e vae obedecendo ás ordens dos [illegible] chefes passivamente, como se se tratasse d'uma maldição do céu.

Será a fome negra para todas as classes industriaes de Inglaterra.

Continuam o "lock-out„—O governo não toma medidas

LONDRES, 7.

[illegible] comité executivo da Federação de [illegible]sportes celebrou uma reunião na qual [illegible]diu que se o governo indica, pela sua [illegible]itude, não estar disposto a tomar medi[illegible] para pôr fim ao *lock-out* dos mineiros, [illegible] directores da Federação aconselham os [illegible]indicatos de que é composta a que fa[illegible] causa comum com os mineiros.

[illegible]ndo o *Daily Herald*, 88 por cento [illegible]ções da Federação dos Caminhos [illegible]o deram a sua opinião a favor dum [illegible]mento comum para fazer triunfar [illegible]indicações dos mineiros.—(Radio).

[illegible]overno na posse das minas

LONDRES, 6

[illegible]overno publicou regulamentos para [illegible] de certo modo á crise actual e vae [illegible] posse das minas. Vae tambem to[illegible] direcção dos serviços dos transpor[illegible]

[illegible]ogueiros e maquinistas dos comboios [illegible]ostram vontade de aderir á gréve.

[illegible]rabalhadores das docas dirigidas por [illegible]ett opõem-se a entrar rapida e in[illegible]ramente na questão. Tillett deseja [illegible]nte que se reabram negociações.—

[illegible]Os desempregados italianos

MILO, 6.

A Confederação Geral do Trabalho decidiu apoiar com todas as suas forças o governo para achar uma solução para a crise dos desempregados.—(R.).

O custo da vida lá fóra

Nos Estados Unidos só aumentou 55 0|0

LONDRES, 7—O dr. Macnamara disse [illegible]a Camara dos Comuns que na data do [illegible]rmisticio o custo da vida, no que dizia respeito á alimentação na Inglaterra, tinha sofrido um aumento de 129 0|0; nos Estados Unidos o aumento tinha sido de 69 0|0. Em Fevereiro deste ano, o aumento do custo de vida estava em 149 0|0 na Inglaterra e 55 0|0 nos Estados Unidos.—(R.)

As relações dos aliados com a Alemanha

Briand fala alto e bom som

PARIS, 7.

O sr. Briand, falando no Senado francês ácêrca das relações dos aliados com a Alemanha, disse que depois da conferencia de Paris mostrou-se claramente que a união entre os aliados era absoluta e a França deseja manter essa solidariedade a todo o custo. Se a Alemanha pretender fugir ás suas obrigações encontrará uma força robusta que a fará cumprir o seu dever.—(R.)

A nota dos Estados-Unidos

BERLIM, 7.

A nota do govêrno dos Estados-Unidos, em que este considera a Alemanha como responsavel pela guerra, foi recebida por este paiz com dolorosa surpresa.—(R.)

A ocupação do Reno

LONDRES, 7.

Um [illegible] de Washington recebido ontem á noite em Londres [illegible] que os efectivos do exercito americano de ocupação no Reno não serão reduzidos antes de 1 de Julho proximo, como se anunciára.—(R.)

A questão social em dois países

As penalidades do codigo espanhol

MADRID, 6.

O conselho de ministros de ontem á noite resolveu comutar em seis anos de prisão militar a reclusão perpetua imposta a cinco processados pelos acontecimentos de Saragoça. O conselho tambem resolveu reformar alguns artigos do codigo penal, especialmente delitos sociais, impondo severas penas sobre todos os que forem cometidos por grupos.—(R.).

PARIS, 6.

Os socialistas de Madrid recusaram-se aderir á terceira internacional.—(R.).

Guerra turco-grega

PARIS, 6.

Quando no ano passado, em Boulogne, Venizelos se ofereceu para reduzir as forças kemalistas, Lloyd George e Millerand concordaram. O marechal Foch disse a Venizelos vivamente que os gregos o não poderiam fazer porque não dispunham de 500 mil soldados para ocupar a Anatolia.

No mez passado, em Londres, quando os gregos de novo declararam que podiam vencer Kemal pachá, o general Gouraud, que tinha vindo de combater os nacionalistas turcos do norte da Cyria, disse que os gregos o não podiam fazer.

A derrota dos gregos confirma a opinião d'aquelles generaes.

Deve haver uma nova conferencia para resolver a questão da Turquia, e espera-se de melhores resultados que as anteriores. —(Radio).

CHEGOU NOVO STOCK
—DE—
CHAMPAUBRIS
S. Micquot
Grand vin mousseux
UNICO DEPOSITARIO
A. Pereira Nunes
P. dos Restauradores, 13
TELEFONE C. 3:300

Carlos da Hungria a caminho da Suissa

O imperador promete voltar

LONDRES, 7

O ex-imperador Carlos abandonou a Hungria, dirigindo-se á Suissa, mas antes de abandonar o territorio hungaro lançou uma proclamação, declarando que tinha sido coroado rei da Hungria e que faria tudo quanto fosse possivel para recuperar o seu trono.—(R).

A viagem faz-se sem incidente

VIENA, 7.

O comboio em que viaja Carlos de Habsburgo passou pela fronteira da Styria, prosseguindo a sua viagem sem incidente. —(R).

A Polonia não quere a restauração

PARIS, 7.

A Polonia, que se tinha mostrado indiferente á restauração dos Habsburgos na Hungria, acaba de notificar ao governo deste paiz que não pode tolerar o rei Carlos no trono da Hungria.—(R).

A informação oficial

VIENA, 7.

Em Budapesth, o presidente do conselho, conde Teleki, [illegible] á assembleia nacional que o ex-rei Carlos tinha abandonado a Hungria.—(R).

COLEGIO LUSO-BELGA
Directora: M.me Jeanne Rolin
RUA CAMILO CASTELO BRANCO
Instrução primaria, instrução secundaria e comercial
Aceita alunas internas, externas e semi-externas
Sempre os melhores resultados nos exames

Haverá um acordo honroso?

LONDRES, 7.

O chanceler das finanças, sir Robert Wood, declarou nos Comuns que o governo não protelaria o subsidio de carvão e que se esforçaria por que se reassumissem negociações sobre as bases dos salarios por distritos.

Os membros do partido do trabalho esforçam-se por que de ambos os lados se chegue a um acordo honroso. O primeiro ministro disse que teria muito prazer em discutir de novo a questão dos salarios, mas não admitiria discussões sobre a continuação do subsidio ou da fiscalisação.—(Radio).

Os negros pedem a protecção do presidente Harding

WASHINGTON, 7—Os negros solicitaram do presidente Harding que fizesse aprovar qualquer medida legislativa de maneira a pôr termo ás linchagens e aos trabalhos forçados, e que simultaneamente désse os seus direitos aos negros do sul. —(R.).

A luta contra os comunistas, na Alemanha

BERLIM, 7.

O governo alemão prossegue energicamente na sua acção contra os comunistas. Perto de Eisleben, seis comunistas acusados de promover desordens, foram executados. Em Breslau foram detidos trinta e cinco comunistas.—(R).

A Alemanha pediu a intervenção dos Estados Unidos

O governo alemão pediu a intervenção dos Estados Unidos para regular ó problema das reparações. A este pedido responderam os Estados Unidos com uma nota que será comunicada ás nações aliadas, mas cujo texto ainda não teve tempo de chegar a Paris.

Conhece-se-lhe o sentido geral: os Estados Unidos convidam a Alemanha a pagar até ao extremo limite dos seus recursos, e fazem-lhe compreender que estão solidarios com as nações de que foram companheiros durante a guerra.

O governo alemão guardou segredo ácerca deste passo.

Só depois das alusões dos jornais aliados se resolveu a dar algumas explicações.

E ainda estas explicações, que dizem respeito a um «memorandum» economico entregue ao representante oficial dos Estados Unidos, parecem, pelo menos, tão adequadas a obscurecer a questão como a esclarecê-la.

E' lamentavel que os dirigentes da Alemanha recorram sempre a meios confusos ou pouco direitos. Porque não dizem francamente o que fazem quando tomam á iniciativa retumbante de chamar em seu auxilio o arbitro americano? Ou é em realidade uma solução lial que procuram e é preciso terem a coragem da sua opinião; ou é uma manobra que tentam e nesse caso era inutil partirem para Lugano.

O sentido da resposta americana não nos surpreende — o «Tempo» sempre disse: «Nada sem os Estados Unidos»—mas ela dá-nos uma grande satisfação. O conselho [illegible] M. Harding e M. Hagues dão á Alemanha [illegible] excelente; se o governo de Berlim tivesse seguido francamente esta politica, a paz europeia seria ha muito uma rialidade.

Esperamos que a voz dos Estados Unidos terá outras ocasiões de se fazer ouvir no regulamento das questões levantadas pela guerra. Nenhum pensamento do governo americano deve ser desconhecido. Nenhum interesse americano deve ficar ignorado. E o pacto da Liga das Nações não deve ser um obstaculo á intima colaboração dos aliados e dos Estados Unidos.

A NAVEGAÇÃO NO CANAL DE KIEL

A conferencia dos embaixadores

envia uma nota ao governo alemão por causa de um navio inglês

PARIS, 7.

A conferencia dos embaixadores reunida na quarta feira de manhã, no ministerio dos negocios estrangeiros, sob a presidencia do sr Jules Cambon, aprovou o projecto de uma nota que vai ser enviada ao governo alemão, a respeito da questão do «Wibledon», navio inglês fretado por uma companhia francesa, que se dirigia para Dantzig em 21 de Março ultimo. Os alemães puzeram varios embaraços á passagem deste navio, que transportava material de guerra para a Polonia, de forma que depois de uma demora de dez dias ele teve que utilizar o caminho do [illegible].

O Tratado de Versailles estipula muito claramente que o canal de Kiel fica aberto a todos os navios de guerra e de comercio de todas as nações em paz com a Alemanha.—(R).

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.°
N.° TELEFONICO: 4:233 — C.

ULTIMAS NOTICIAS

Os Consagrados

Não ha nada mais inglorio do que a consagração. Eu só conheço uma gloria que valha: a gloria de estar só. E' que mais vale andar só do que mal acompanhado... O publico foi sempre uma má companhia para os artistas. Prejudica-os, contagia-os, pega-lhes a vulgaridade...

Os consagrados são os grandes martires da arte, Vivem, constantemente, manietados pelo publico, obrigados a fornecer-lhe, todos os dias, pacotes de emoções — cigarros fortes. O publico é o vampiro dos consagrados. Não ha talento em formação que lhe resista. Quando um pintor, um musico ou um escritor, lhe cái nas mãos, esfrangalha-o, chupa-o, bebe-lhe o sangue... E' fugir, é fugir da consagração. A consagração é a anemia do genio. Como eu tenho dó d'eles, dos infelizes consagrados... A sua tristeza confrange-me, incomoda-me, faz-me ter serios cuidados pelo meu futuro. Os consagrados são tristes, muito tristes, dão a impressão que atravessam a vida atrás do seu enterro... Não sabem rir, não sabem gritar, não sabem ter um gesto... São os forçados da Arte. Causam dó Nalguns deles adivinha-se uma vaga saudade das horas irreverentes, um vago desejo de independencia, de processos novos... Mas que fazer? A consagração embaraça-lhes os movimentos O publico abandoná-los-ia, se eles fugissem á rotina... Ser consagrado é ter a sensibilidade amordaçada

Todas estas considerações me vieram ao espirito, ontem, na Sociedade das Belas Artes. Eu que vinha das bandas do Sol, que, Avenida acima, enfeitara os meus olhos com olaias, ao entrar na exposição dos consagrados, senti passar por mim uma nortada, tive frio, muito frio, bati os dentes...

A exposição dos consagrados é um Panteon de pintura. Dá vontade de perguntar ao porteiro quem morreu lá em casa. E no entanto, que belas personalidades não estão ali sufocadas, sacrificadas ao publico.

De todos os consagrados, Antonio Carneiro, o menos consagrado, foi o que mais se consagrou em mim. Esse retrato de criança, com olhos novos e tintas velhas de Carriére, impressionou-me. O quadro dos galgos, esgalgado todo ele, é um quadro de museu. «Os dois amigos» é uma fina de tintas e de linhas Antonio Carneiro, lapis de fusain com tantas sanguineas, renasceu para mim. O que ontem vi dele é do melhor que se tem feito em Portugal.

José Malhôa que, ao contrario de quasi todos, não repousou na consagração, e, bem ao contrario, busca sempre, com impaciencia, novas maneiras, novas tintas, tem, entre varios quadros quentes e fortes, um pastel, «Os nossos pecados», muito bem enscenado... O retrato de Mario Salgueiro é um dos melhores retratos que lhe conheço: tem verdade e tem sintese. Malhôa recebe agora a boa influencia dos impressionistas. Besnard é, na verdade, um dos amigos intimos da sua arte.

Columbano está certo, como de costume. Demoro-me sempre, com respeito e ternura, perante os seus quadros. O que mais me interessa na sua obra são os «petits coins», os bule, as frutas, as couves, os sorrisos caseiros do seu modelo... Columbano converte ao cristianismo as coisas em que toca. E' um asceta da pintura: pinta com as palpebras, em capucho, sôbre os olhos...

Sousa Lopes tem algumas telas boas. As impressões de Veneza são belas e justas. Veneza é bem aquilo: um corpo morto sôbre a laguna, fosforocente.

João Vaz continua enamorado das aguas e dos barcos. E' tal o seu habito de mar e ceu, que ao querer pintar uma igreja, pinfou uma onda... O interior daquele tempo tem, na verdade, um côro—um côro de aguas e de ventos...

Roque Gameiro expõe algumas aguarelas honestas e sadias. Veloso Salgado expõe muito e expõe-se muito...

Francisco Santos, escultor de muita valia, apresenta algumas estatuetas que os meus olhos adquiriram. O estudo para a Salomé tem um belo ritmo, um ritmo que as mãos de Francisco Santos não deviam perder...

Fechada a exposição dos consagrados, porque não se pensa em abrir a exposição dos «fauves», dos irreverendos, dos libertos... Porque não organizar, todos os anos, como em Paris, o Salão de Outono?... Eu sei, eu sei talvez... E' que o inverno defende-se com chuva, com trovões, mas sem faiscas... Em Portugal não há Salão de Outôno, não há outono—porque não há primavera...

A. F.

6-2-921,

IMPRENSA

O *Diario de Lisboa* ao iniciar a sua publicação sauda todos os seus colegas na imprensa com os quais deseja sempre manter as melhores relações de amizade.

Ao *Correio da Manhã*, que sob a direcção do sr. dr. Anibal Soares começou hoje a publicar-se, endereçamos cumprimentos afectuosos.

Honra e Gloria aos Soldados Desconhecidos

A alocução do Chefe do Estado

O sr. Presidente da Republica agradeceu as palavras de justiça do ilustre prelado ao heroico exercito portuguez e á heroica marinha portugueza. Sabe o ilustre prelado e muitos dos que aqui estão a sua maneira de pensar sobre a amnistia. Esse assunto está afecto ao parlamento e todos sabem que o Senado já na sua ultima sessão a aprovou por grande maioria e que a Camara dos Deputados, na sua sessão de ámanhã, se deve ocupar do assunto.

S. ex.ª afirmou que confiava na generosidade do parlamento; tambem eu. Terminando, o sr. Presidente da Republica disse que ia apertar a mão ao sr. cardeal patriarca da maneira mais sincera e afectuosa.

Eram 13 horas.

O sr. Presidente da Republica retirou-se, depois, acompanhado pelos presentes, sendo carinhosamente cumprimentado.

A Homenagem ao Congresso

A' hora de fecharmos o nosso jornal, deve estar falando, no Congresso, o sr. presidente da Republica, usando, em seguida da palavra, o sr. presidente do Senado.

O sr. Abilio Marçal, presidente da Camara dos Deputados, discursará de uma das janelas do edificio, seguindo-se a imposição das condecorações, pelo sr. presidente da Republica.

Os turnos do dia 9

23.º turno, da 1 hora ás 2,30, parlamentares do distrito do Porto, Farmacia Central do Exercito, 3.º grupo, capitão Carlos Augusto Cordeiro, tenentes Manuel Henriques Sêco, Lourenço Mendes Sêco e Rodrigo Esteves de Gusmão, e Associação dos Alunos da Escola Colonial.

24.º turno, das 2,30 ás 4 horas, parlamentares do distrito de Santarem, Farmacia Central do Exercito, 4.º grupo, tenentes Joaquim Varela Gusmão e Henrique da Silva Campos. alferes Gaspar Maria do Nascimento e Antonio da Silva. e Grupo dos Escoteiros da Cruzada das Mulheres Portuguesas.

25.º turno, das 4 horas ás 5,30, parlamentares de S. Tomé e Principe, generais João A. Camacho, Teofilo da Trindade e Côrte Real.

26.º turno, das 5,30 ás 7 horas, parlamentares de Timor, vitimas das revoluções de 5 de Outubro e 14 de Maio, e Comissão Liquidataria do C. E. P.

27.º turno, das 7 ás 8,30, parlamentares do distrito de Vianna do Castelo, generais Ferreira Gil e Mendonça e Matos, e Centro Escolar Republicano Miguel Bombarda.

28.º turno, das 8,30 ás 10 horas, parlamentares do distrito de Vila Rial, Escoteiros Municipais de Lisboa, alunos da Faculdade de Sciencias, Club Naval de Lisboa e Cruzada Nacional D. Nun'Alvares Pereira.

29.º turno, das 10 horas ás 11,30, parlamentares do distriro de Vizeu, Corpo de Voluntarios de Salvação Publica, Associação de Estudantes de Medicina e funcionarios do Congresso,

A chegada do "Jeanne d'Arc"

Chegou hoje de manhã ao Tejo o cruzador-couraçado francês «Jeanne d'Arc», que vem representar a marinha de guerra francesa na homenagem aos soldados desconhecidos.

A questão das reparações

Os alemães têem dinheiro?

PARIS, 6

Os alemães, emquanto se recusam a pagar a indemnisação, oferecem, por intermedio dos seus bancos, grandes quantias de dinheiro como emprestimo a companhias estrangeiras, incluindo firmas francezas.—(Radio).

O luxo nas grandes cidades

PARIS, 6

Se os alemães quizessem convencer os outros paizes da miseria que apregoam, deviam proibir aos estrangeiros a entrada nas suas grandes cidades, onde ha um luxo berrante, uma vida facil e uma abundancia de todas as coisas, que estão em completo desacordo com os repetidos queixumes dos seus governantes.—(Radio).

Nova proposta da Alemanha

WASHINGTON, 6

O governo americano publicou a nota do governo alemão em que este se propõe fazer novas propostas á França.

O dr. Simons propõe que a Alemanha tome para si o encargo da divida aliada aos Estados Unidos, declarando que a Alemanha assumiria a obrigação de pagar os juros e a amortisação dentro dos limites da sua capacidade.—(Radio).

A reconstrução das regiões devastadas

BERLIM, 6

Diz-se que Lloyd George afirmou que a Alemanha pagará as reparações até aos limites extremos da sua capacidade.

Efectivamente todos os alemães e em especial os operarios estão decididos a contribuir com todas as suas forças para o restabelecimento das regiões devastadas.

A Alemanha compreende que as suas propostas de reparação devem ter em conta a situação penivel das finanças aliadas, especialmente da França.—(Radio).

O serviço postal na Inglaterra

LONDRES, 7—Reabre hoje na Inglaterra o serviço dos correios para todos os lugares da Russia, da Europa e da Asia—.(R.)

DA ARCADA

Está aberto concurso, até 23 do corrente, para provimento de lugares de divisores dos correios da estação central dos correios do Porto.

—Foram classificados pela seguinte ordem os candidatos a lugares de condutores de 3.ª classe do quadro auxiliar do grupo de engenharia de minas e serviços geologicos: Manuel de Sá Granadeiro e Artur Augusto da Fonseca, os quais devem ser inspeccionados no proximo dia 15, pela junta medica oficial do Ministerio do Trabalho.

L. SILVA DIAS

Representações estrangeiras e conta propria

Stock dos seguintes artigos:

Cabedais e artigos para calçado
Botões perola, agulhas.
Bordado a pezo e á peça.
Peúgas de seda e algodão.
Molas para vestidos.
Pentes e escovas.
Maquinas de escrever A B C.
Maquinas de chegon.
Pneus e camaras d'ar.
Anilinas.

Rua Aurea, 265, 2.º

Telefone 3207-C.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ—Resa-se da feria simplex, paramentos brancos, 2.ª e 3.ª como ontem.

LAUSPERENE—Na igreja S. Domingos.

FESTIVIDADES—Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vesperas; S. Roque, ás 8 e meia, missa.

S. Domingos—A's 12 h. festa ao Senhor dos Passos, com missa solene por musica e sermão, sendo orador o rev. Fiadeiro; ás 19 horas, Triduo ao Coração de Jesus, por instrumental e sermão, sendo orador o rev. José Oliveira Malta.

—Exposição da imagem Senhor Jesus dos Passos, nas igrejas do costume.

Dr. Alexandre Braga

Os nossos colegas da manhã deram-nos a triste noticia do falecimento do dr. Alexandre Braga, um dos mais ardentes propagandistas do actual regimen, orador consagrado e advogado distintissimo. O *Diario de Lisboa* sentindo sinceramente o passamento do ilustre tribuno apresenta o seu cartão de pesames a toda a sua familia.

O seu funeral deve realizar-se ámanhã pelas 9 horas.

A politica do novo presidente norte-americano

O Estados Unidos não ratificam o Tratado de Versailles

NEW-YORK, 7.—A politica da adminis tração Harding definiu-se claramente que pode ser representada pelos seguintes pontos: O Tratado de Versailles não será ratificado, e os Estados Unidos não entrarão na Liga das Nações. Contudo serão tomadas medidas para pôr em pratica a ideia de Harding, que deseja a formação duma associação de nações baseada num tribunal internacional para a resolução de todas as questões litigiosas. A resolução Kno vai ser em breve submetida ao Congresso.——(R.)

Tabacaria Barbosa

Novidades literarias nacionaes e estrangeiras

Jornaes e publicações ilustradas

Telefone 2926-C.

Rua do Carmo, 67

Os gazes asfixiantes

não voltarão a ser empregados na guerra?

LONDRES, 7

Na reunião internacional das sociedades da Cruz Vermelha decidiu-se solicitar a todos os governos que assinem um acord para que seja proibido o uso de gazes asfixiantes na guerra; solicitou-se tam que se limitassem as hostilidades na ta aerea, unicamente para consegui militares, salvaguardando a populaç vil, e limitando o direito do bloqueio.

Imprensa Libanio da S

Sucessores Sousa & Gomes, L

24, Travessa do Fala Só,

Telefone 2110 C.

Trabalhos tipograficos em todos o neros. Encadernações.

UM LEGADO

A viuva do saudoso escritor e diplomata Alber Botelho legou a livraria do seu marido á Biblioteca Nacional,

CARTAZ

Nacional—Ás 21, «Zilda».
S. Luis—Ás 21, «J. P. C.»
Politeama—Ás 21, «O João Ratão».
Ginasio—Ás 21,30, «A Ventoinha».
Trindade—Á2 21, «O Emigrado».
Avenida—Ás 21, «O senhor roubado».
Eden-Teatro—Ás 21, «Paz armada».
Salão Foz—Ás 20,30 e 22,30, «Trolaró»

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.